



ENTRE O CRIME E A PANDEMIA: REFLEXÕES EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

João Gilberto da Silva Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2408-0004>.

E-mail: joao.carvalho@ifrj.edu.br.

Resumo: O texto tinha por objetivo uma pesquisa e se tornou um ensaio. De início, o objetivo era dar continuidade à perspectiva de aproximação da teoria das representações sociais aos fenômenos do cotidiano em estudos pontuais ou preliminares. E o fio condutor escolhido foi um crime bastante noticiado nos meios de comunicação, sendo o ponto de partida, portanto, de uma análise preliminar sobre a representação social do crime hediondo. Assim, a partir de dados veiculados pelos meios eletrônicos de comunicação, em prazo curto e delimitado, foram extraídos elementos que apontassem a possibilidade de uma pesquisa sobre a representação social do crime hediondo. Ainda que em caráter inicial, as análises respaldaram a perspectiva de uma abordagem recortada e bem próxima ao calor dos acontecimentos. Entretanto, de forma fulminante e paradoxal, a pandemia provocada pelo novo coronavírus confirmaria de forma radical a tal hipótese de trabalho, alterando completamente o escopo original do texto: escrever sobre o crime hediondo tornou-se secundário em relação ao caos provocado pelo vírus. O presente ensaio, escrito durante o período crítico da pandemia, expressa essa trajetória.

Palavras-chave: Representações sociais. Crime hediondo. Cotidiano. Psicologia Social.

BETWEEN CRIME AND PANDEMIC: REFLECTIONS IN SOCIAL REPRESENTATIONS

Abstract: The text was intended for research and became an experience report. At first, the objective was to continue the perspective of bringing the theory of social representations closer to everyday phenomena in specific or preliminary studies. And the chosen guideline was a crime that was widely reported in the media, being the starting point, therefore, of a preliminary analysis on the social representation of heinous crime. Thus, from data transmitted by electronic means of communication, in a short and limited period, elements were extracted that point to the possibility of research on the social representation of heinous crime. Although in an initial character, the analyzes supported the perspective of a cut approach and very close to the heat of events. However, in a fulminating and paradoxical way, the pandemic caused by the new coronavirus would radically confirm this working hypothesis, completely changing the original scope of the text: writing about the heinous

POLÊM!CA

LABORÉ



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

crime has become secondary to the chaos caused by the virus. The present essay, written during the critical period of the pandemic, expresses this trajectory.

Keywords: Social representations. Heinous crime. Everyday life. Social psychology.

À guisa de introdução

Eventualmente, a sociedade reage a fatos que, por conta de suas repercussões, são considerados chocantes. Pode ser um crime hediondo, um episódio escandaloso, um ato monstruoso, entre outros tantos que compõem um rol de situações que oscilam entre o patológico, o irracional e o desconhecido. Nesses momentos, diferentes segmentos da sociedade manifestam-se com veemência sobre um fenômeno incomum, quando, então, os limites entre o permitido e o interdito são confrontados, reafirmando ou transformando as normas de convivência social – essas, historicamente criadas, estão no cerne do conceito e da Teoria das Representações Sociais.

A vida em sociedade cria padrões de normalidade que tornam a vida coletiva possível ao oferecer sentidos e significados às interações humanas. Trata-se de um intrincado amálgama simbólico que permeia as relações sociais e que, de Durkheim à Teoria das Representações Sociais (TRS), tem recebido atenção, respectivamente, tanto por seu caráter estabilizador, quanto por seu potencial de promover mudanças. A bem da verdade, a relação entre permanência e transformação tem sido objeto de reflexão que nos remete aos filósofos gregos, chineses e indianos de um passado distante e mais recentemente incorporada às reflexões de caráter psicossocial.

O foco das pesquisas da TRS tem sido o contexto da mudança, isto é, como um fato social novo se torna desestabilizador da normalidade; ou mais precisamente, como a novidade é incorporada gradativamente (ancoragem) a ponto de se tornar padrão (objetivação). Pelas mãos de seus teóricos, os conceitos de ancoragem e objetivação têm servido para compreender a criação tanto de consensos (normas) quanto de ameaças e rupturas (mudanças) que despontam no cotidiano. Mas não é necessário definir exaustivamente aqui tais conceitos, encontrados facilmente em qualquer trabalho de revisão de literatura na área, notadamente nos clássicos (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001).

O objetivo inicial da reflexão presente era dar continuidade a uma proposta de estudo pontual da representação social, ainda em sua fase preliminar de tensionamento ou, simplesmente, de ancoragem. A análise elegeu um desses fatos chocantes do cotidiano, cuja abordagem exibia elementos que justificavam tal pretensão, como dito, situada no campo da

Psicologia Social das representações. O caso provocou comoção em grande parte da sociedade brasileira, por suas características expressas em termos que fazem apelo à monstrosidade e à desumanidade, propagando-se pelos meios de comunicação a ponto de gerar debates, polêmicas e comentários diversos. Foi montado, então, um quadro, derivado de buscas aleatórias na internet, em prazo curto e delimitado, ainda no momento de efervescência das informações. Para tanto, tendo como palavras-chave os nomes dos envolvidos no crime abaixo descrito, consultas ao *Google* entre 04 e 14 de março de 2020 permitiram a coleta das informações necessárias. Entretanto, em meio às reflexões, sobreveio a pandemia do COVID-19. O vírus transformou dramaticamente o contexto social, instalando-se como forma de ancoragem também neste texto, alterando os rumos iniciais do que seria uma pesquisa. O impacto causado pela pandemia foi incorporado ao texto.

Um crime hediondo

Na madrugada de 28/01/2020, em São Bernardo do Campo, três corpos foram encontrados carbonizados. O carro ainda fumegante sob a mata parecia o prenúncio de mais uma ocorrência policial de um cotidiano violento, já comum nas cidades brasileiras (R7, 2020).

Os desdobramentos das investigações provocaram comoção. Aos poucos surgiram os contornos de uma trama assemelhada às séries policiais de *streaming*. Uma jovem de classe média responsável pelo assassinato de seus pais e irmão, Anaflávia, em conluio com sua namorada, tramou a morte de seus parentes próximos por dinheiro. Elas simularam um assalto e depois, quando as coisas fugiram ao controle, resolveram que o casal e o jovem fossem fuzilados. Para dar fim aos corpos, a solução foi queimá-los.

Da negação à confissão, a imprensa diariamente alimentou o interesse público com matérias bem chamativas. Os textos jornalísticos delineavam um monstro: bebeu cerveja com os assassinos; prestou primeiros socorros àquele que se queimou com o fogo; foi comprar a gasolina; premeditou o crime; mentiu ao tentar se livrar da culpa; a cada detalhe, uma desumanidade, típica de alguém insano e monstruoso.

Os depoimentos colhidos pela autoridade policial apontavam a ausência de problemas familiares ou conjugais; as fotos da família, sorridentes e abraçados, a típica família de classe média, tornavam a história insuportável. Uma pergunta se impunha: como era possível um ato

de tamanha crueldade e insensibilidade contra os pais? O crime, enquanto novidade, demanda explicação do senso comum (ancoragem). Nessa hora, os especialistas são convocados para oferecer a palavra abalizada para explicar à sociedade o inexplicável: como é possível ocorrer um fato tão horrendo? Os psiquiatras e criminalistas, por exemplo lançam mãos de um repertório clássico que transita entre a patologia e a transgressão moral.

O crime foi comparado a outro famoso, já verbete na *Wikipédia*, o Caso Richthofen, também com assassinato de pais e com requintes de crueldade. Suzane Richtofen, a filha que em 2002 urdiu o homicídio de seus genitores, virou personagem de filme e de livros. O jornalista Ulisses Campbell lançou uma biografia não autorizada de Suzane, que a retrata em sua trajetória mais recente, após o crime e com detalhes sobre sua vida na penitenciária (CAMPBELL, 2020b). Manipuladora (*gaslighting*) – eis uma síntese estampada já no título de capa e baseada na análise psiquiátrica da criminosa. Enquanto Anaflávia aos poucos vai sendo incorporada (objetivação) à galeria dos psicopatas nacionais, Suzane já ocupa com destaque tal lugar, permanecendo na mídia há bastante tempo.

Os dois casos possuem elementos comuns, crueldade e desumanidade, entremeados de sexo, perversidade e terror, ingredientes capazes de revirar a consciência coletiva e provocar repulsa, incredulidade, curiosidade, entre outras tantas expressões possíveis de afetividade (em sentido amplo):

O crime de São Bernardo chama a atenção pelas semelhanças como o de Suzane von Richthofen, em 2002. Tanto na casa de Anaflávia quanto na que morava Suzane havia uma placa na parte externa: “Aqui mora uma família feliz”. (CAMPBELL, 2020a, não paginado).

Nesses casos, a reação popular expressa o modo como a sociedade lida com seus valores: cada segmento, grupo especializado ou estrato social contribui ativamente para um intenso trabalho de cognição coletiva. Parte-se aqui, portanto, de outro postulado derivado das ciências sociais: a sociedade pensa (DOUGLAS, 1998).

Limites da Psicologia Social do cotidiano

A TRS pode ser definida como a psicossociologia do cotidiano, o que traz como implicação a realização de pesquisas de temas bem recortados e contextuais. A partir de tal definição, é possível dizer que essa corrente da Psicologia Social pode contribuir com os

problemas do dia a dia, como é possível observar a partir de um caso bem definido e que pode servir de exemplo.

Em abril de 2009, o “choque” era a “gripe suína”. Uma nova doença derivada de um vírus que provocou pânico e intensa mobilização mundial. Tal processo é característico da representação social que, enquanto ambiente de pensamento, abriga um caldeirão de símbolos em efervescência. Foi assim com a AIDS (JOFFE, 1994) e agora, em 2020, a ebulição social que ocorre com o novo coronavírus.

Por ocasião da celeuma sobre o H1N1, tal como agora, a ideia de escrever um texto sobre um fenômeno social impactante surgiu intempestivamente: registrar no ato o processo de negociação simbólica envolvendo o fenômeno. A intenção declarada era:

[...] fazer uma rápida reflexão apoiada na perspectiva inaugurada por Serge Moscovici – a teoria das representações sociais – e assim contribuir com uma visão psicossocial do fenômeno, sem a pretensão de uma descrição exhaustiva; os exemplos servem apenas para ilustrar a gênese da representação social. Não há como resistir. Nesse exato momento (28/04/2009, 20h:13), na TV5MONDE, um especialista faz uma demonstração de produtos de higiene e um tipo de óculos especial para evitar contaminação pela pandemia. A idéia do texto ocorreu pela constatação de que todo o noticiário está “contaminado” pela gripe suína. Assim, acompanhamos hoje (28/04/2009) as informações divulgadas pela CBN e Bandnews FM, bem como em portais via Internet especializados em notícias, aqui citados. (CARVALHO; ARRUDA, 2009, p. 27).

Terminado o trabalho, a reflexão pontual sobre um fato que assombrava o cotidiano das cidades, o problema passou a ser o de compartilhar a pesquisa. De um lado, as publicações científicas possuem critérios e periodicidade que lhes retira protagonismo, por outro, a mídia convencional, atrelada por excelência ao cotidiano, desconhece o potencial heurístico da TRS. Então, veio a angústia: de que adianta pesquisar o pensamento social cotidiano sem oferecer contribuições às demandas desse cotidiano? Pois, via de regra, o conhecimento tem potencial para combater preconceitos e diminuir tensões.

Por fim, o artigo Gripe Suína foi acolhido entusiasticamente por uma revista sem classificação *Qualis*. Apesar de não ter gerado pontos no currículo, o texto tem sido eventualmente requisitado para uso em sala de aula. Em seu caráter declaradamente liminar, foi capaz de levantar questões importantes:

As notícias circulam intensamente, tornam-se tema frequentes de conversação; a sociedade se apropria das informações e elabora suas próprias, criando novos significados: o imaginário se desdobra em novas representações, incluindo piadas,

que também são formas criativas de lidar com a ansiedade. É a “sociedade pensante” em ação, como diz Moscovici: é preciso falar do que todo o mundo fala para não se sentir ‘por fora’, e a novidade convoca a elaboração e a inventividade que se dá na comunicação corrente, para aplacar a inquietação que a novidade provoca e também para reforçar os laços nos grupos (CARVALHO; ARRUDA, 2009, p. 28).

A representação social do crime hediondo

A tentação para nova imersão foi grande. Uma aproximação inicial que levantasse elementos para uma pesquisa sobre a representação social do crime hediondo era factível. A premissa é clara: tanto o crime do ABC quanto o caso Richthofen oferecem pistas que indicam uma representação social do fenômeno. A lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, tipifica o crime hediondo (BRASIL, 1990), interpretado como um atentado à moral pública capaz de extrapolar os limites do entendimento comum: como é possível matar os pais sem demonstrar emoção?

Em depoimento obtido com exclusividade pelo Fantástico, da TV Globo, e divulgado nesse domingo (09/02/2020), Ana Flávia não demonstrou emoção ao relatar à polícia como o crime ocorreu. Ela, contudo, negou participação no assassinato da família. (LORRAN, 2020, não paginado).

Sem emoção, não há remorsos ou culpa, componentes balizadores da cristandade e que seriam característicos de uma pessoa “normal” no Ocidente. O historiador Jean Delumeau (2003) remete ao período medieval para a compreensão da sociogênese dessa estrutura. A psicanálise freudiana também destaca, no plano individual, como tal mecanismo se torna instância repressora e gerador de neuroses (FREUD, 1976). Dessa forma, entende-se o comentário do jornalista Ulisses Campbell que, durante a divulgação do seu livro, ouviu sem rodeios a pergunta: “Em algum momento ela se declarou arrependida” (CAMPBELL, 2020c)?

O que nos leva a concluir que os “incapazes” de culpa e arrependimento em nossa cultura são tão estranhos a ponto de não serem considerados parte da humanidade.

Como imaginar que existe uma inimiga dentro de sua casa? E ela é sua própria filha?

Anaflávia Gonçalves: Com certeza naquela hora sim, foram os corpos que foram colocados no carro sim.

Os corpos aos quais Anaflávia se refere com frieza são do pai e do irmão dela.

Anaflávia: Minha mãe é aquela: ‘Vamos beber, vamos zoar, falar besteira’. Eu e meu pai não tínhamos uma relação muito próxima. (FANTÁSTICO, 2020, não paginado).

POLÊM!CA

LABORÉ



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

Muito antes da biografia aqui citada, a jornalista Ilana Casoy relatou com minúcias o brutal crime que atingiu a família Richthofen (CASOY, 2006). A capa do livro remete aos clássicos de terror, explorando o alto contraste e o tom lúgubre; já o estilo que permeia o texto é tenso:

Tudo estava muito escuro e o silêncio era absoluto. A filha do casal deu a voz de comando: “Vai”, disse ela, enquanto acendeu a luz que guiaria o caminho dos algozes de seus pais e desceu as escadas para não assistir à carnificina. Daniel entrou no quarto primeiro, seguido de perto por seu cúmplice. Com passadas largas, em segundos estavam cada um ao lado de sua vítima. Como num filme, as vítimas intuíram seus destinos, acordaram e abriram os olhos simultaneamente, como se ouvissem a voz da filha ou adivinhassem o que estava por vir, mas não houve tempo suficiente para lutarem por suas vidas. Se enxergaram alguma coisa na penumbra que se instalava, foi o vulto de Cristian erguendo o bastão que os atacaria. No momento em que foram atingidos, os dois estavam deitados de lado, virados para a janela. Jamais viram o namorado da filha de arma em riste, pronto para matá-los. O primeiro golpe foi desferido por Daniel em Manfred Albert von Richthofen. Cristian entendeu o recado e desceu seu bastão sobre a cabeça de Marisia von Richthofen. Ninguém sabe quantas vezes o movimento foi repetido, quantos foram os açoites, as pancadas que foram desferidas. A mãe de Suzane ainda teve tempo de tentar se proteger com a mão direita, ato reflexo que só quebraria seus dedos e jamais impediria os ferimentos letais que sofreria. Enquanto os bastões desciam ininterruptamente, sangue e pedaços de massa encefálica se espalhavam pela cabeceira da cama, a cada osso esfacelado, a cada corte aberto. Respingos vermelhos manchavam o teto sempre que a arma era novamente erguida. O som das pancadas preenchia o enorme silêncio que envolvia a casa naquele momento (CASOY, 2006, p. 14).

Diante desse quadro, cujo elemento mais visível é o terror, há outros elementos profundos e associados, capazes de provocar medo e culpa, derivados de transgressões da ordem social; observa-se a presença frequente de elementos da religião, aproximando o texto jornalístico do imaginário popular. Daí o título do livro de Casoy, *O Quinto Mandamento*, que se refere ao preceito bíblico: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o senhor, teu Deus, te dá” – Êxodo 20, 12 (BÍBLIA, 2021). Religiosidade e psicologia forense acabam se encontrando no plano moral:

[...] Psicopatia ficou caracterizada pela presença de problemas de conduta na infância; inexistência de alucinação e delírios; ausência de manifestações neuróticas; impulsividade e ausência de autocontrole; irresponsabilidade; encantamento superficial, notável inteligência e loquacidade; egocentrismo patológico, autovalorização e arrogância; incapacidade de amar; grande pobreza de reações afetivas básicas; sexualidade impessoal e pouco integrada; **falta de sentimento de culpa** e vergonha. Além disso, a pessoa se apresenta como indigna de confiança; **com falta de empatia** nas relações interpessoais; faz manipulação do outro através de recursos enganosos; mente e não é sincero. Há perda específica da intuição; incapacidade para seguir qualquer plano de vida; conduta anti-social sem

arrependimento aparente; ameaças não cumpridas de suicídio e incapacidade de aprender com a própria experiência. (DAVOGLIO; ARGIMON, 2010, p. 112, grifo nosso).

Tal como Anaflávia, Suzane não demonstrou arrependimento, sendo esse o motivo pelo qual não teria conseguido sucesso em seu pedido de relaxamento da prisão (até a data do lançamento do livro de Campbell). O irmão, que perpetrou o crime induzido por ela, já está em liberdade condicional, ao ter demonstrado arrependimento e assim estar apto a conviver em grupo (CAMPBELL, 2020c).

A história de Suzane como presidiária alimenta o noticiário e a imaginação popular; sedutora e cruel, representa um desafio à ordem do senso comum e científico. Quanto aos monstros capazes de matar pai e mãe, não há perdão: “[...] quero que a Anaflávia apodreça com meu perdão nas trevas de uma cadeia” (CAMPBELL, 2020a, não paginado).

Para além dos arquétipos da cristandade, há questões sociais sensíveis e merecedoras de atenção:

Por que esse crime específico ganhou essa proporção de divulgação? Não pode ser apenas por se tratar de parricídio/matricídio, que acontece vez por outra o ano inteiro. A resposta provavelmente envolve o fato de Suzane ter, aparentemente ao menos, o perfil clássico da filha que todos gostaríamos de ter. Loira, bonita, estudante de Direito, boa aluna, culta, trilingüe, filha de pais bem-sucedidos (CASOY, 2006, p. 11).

Talvez não soe tão inusitado que pobres sejam capazes de ações tão execráveis, mas o que levaria jovens de classe média ao crime? A pergunta permite inserir a estrutura social na contextualização dos fatos:

A crônica policial coleciona casos emblemáticos de filhos que mataram os pais. Mas, comumente, só chegam ao conhecimento público aqueles que envolvem famílias de classe média. Estima-se que entre 1% e 4% de todos os assassinatos cometidos no Brasil decorrem de parricídio e matricídio (CAMPBELL, 2020a, não paginado).

O jornalista Ulisses Campbell declarou, ainda, que se não fosse por sua beleza e poder de sedução, Suzane teria sucumbido à prisão e sofrido represálias por ser loira e de classe média alta. Paralelamente, no caso de Anaflávia, sua relação amorosa é destacada em reportagens que se prestam às especulações populares e conservadoras:

Ela demonstrava ser muito ciumenta. A Ana não conversava direito com a gente quando a Carina estava aqui”, conta uma vendedora que pediu à reportagem para não ser identificada. Outra lojista disse que Ana ficava retraída com a presença de Carina no quiosque. “Ela só falava com as clientes. E só o que era necessário”, diz. Ela ainda contou que quando Flaviana chegava ao quiosque, a namorada da filha deixava o local. “Mas quando a mãe não estava, Carina ficava todo tempo colada na Ana”. (HENRIQUE, 2020, não paginado).

Esse conjunto de indícios permite entender que seja possível pensar em termos de uma representação social do crime hediondo proveniente de vários elementos estruturais da sociedade brasileira. No entanto, ainda que uma pesquisa rigorosa demande análise aprofundada que ultrapasse a empiria, as reflexões preliminares, ao se aproveitarem do “calor dos acontecimentos”, são ricas em nuances que podem ser esquecidas ao longo do tempo.

E a pandemia se impôs ao texto

As notícias sobre o crime hediondo subitamente desapareceram e o mundo desabou diante de uma nova ameaça: a COVID-19. A doença causada pelo novo coronavírus subverteu as bases sociais. Então, o quadro simultâneo de doença e metáfora reacendeu antigos mitos a par e passo com os vaticínios de um novo mundo regido pelas tecnologias digitais. Aos poucos, a contabilidade de mortes resultou em medidas sanitárias e posições contraditórias. O fechamento de portas e fronteiras desafiou a globalização e os interesses da engrenagem econômica. E assim a doença se espalhou rapidamente, ganhando destaque em todos os meios de comunicação.

O texto sobre o crime hediondo passou a ter como pano de fundo um cenário que de preocupante passou a aterrador. Atropelado pelo contexto, o texto inicial subitamente perdeu a força. Os interlocutores da proposta, que ofereciam sugestões e críticas, calaram-se, submersos em seus temores pessoais. E assim, não bastasse um cenário político desalentador que, entre outras pautas conservadoras, tem priorizado o ataque às ciências humanas, a doença instaurou o caos social.

Curiosamente, a importância de uma teoria voltada à compreensão do cotidiano em momentos de crise social tornou-se patente por outras vias. Os mecanismos de ancoragem e objetivação tornaram-se predominantes, envolvendo a sociedade como um todo em uma gigantesca operação de criação de novos sentidos e significados. O contexto da pandemia se impôs, exigindo explicações e projeções sobre o futuro. Um movimento contraditório foi

estabelecido: enquanto a preservação da vida trouxe o confinamento; o mundo virtual expandia as fronteiras das formas de comunicação e sociabilidade – a chamada nova esfera pública (CARVALHO *et al.*, 2013). No interior dos aposentos, um horizonte infinito de possibilidades do mundo digital tornou mais aceitável a quarentena e o isolamento social. O álcool em gel e a máscara passaram a servir de garantia ilusória de segurança, elemento essencial sem a qual a vida social seria impossível. Sob a égide da ciência, impávida e segura, surgem os protocolos para balizar a contagem regressiva até a cura definitiva. Enquanto a panaceia não vem, confrontam-se desejos e interesses: milhares morrem e alguns poucos ficam mais ricos ainda, evidenciando mais uma vez que a dinâmica social é capaz de reproduzir a lógica da exclusão em plena crise sanitária.

Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, a dupla hermenêutica (DOMINGUES, 2003) – a experiência de sentir na própria pele o que é chamado de objeto de estudo – testa os limites do pesquisador: como aplicar o conhecimento produzido pela Psicologia Social a um contexto tão complexo quanto esse, produzido pela pandemia do coronavírus?

A todo instante o noticiário exhibe o trabalho de negociação simbólica realizado em busca de sentidos, quando cada grupo digere o contexto da pandemia a seu modo até que a estabilidade seja atingida, um esforço de natureza psicossocial característico das representações sociais. O cotidiano das interações pessoais é abalado por disputas e estranhamentos que excedem a normalidade; e assim, quando as bases do entendimento são solapadas por eventos de tamanha grandeza, como no caso da COVID-19, as emoções extremadas passam a dar o tom de tais interações.

Então, há o desespero daquele que tem um pequeno comércio e perdeu seus clientes; de alunos que ficaram sem aulas e pais que se tornaram professores improvisados; idosos acuados; espaços públicos interditados: um número infinito de casos que subverte a normalidade e são criadores de apreensão e conflito.

A pandemia sugere um “novo normal”, forjado entre protocolos e um jargão que se multiplica pelos quatro cantos do mundo.

É necessário concluir

O que seria pesquisa se tornou ensaio ou, no limite, relato de experiência. O formato de artigo (Introdução, Desenvolvimento e Conclusão) pretendia fundamentar uma proposição

tendo por base uma pesquisa empírica: demonstrar a relevância de estudos preliminares em representações sociais, considerando as possibilidades de uma teoria que estuda o cotidiano e que, em tese, deveria estar atenta às interações diárias, e buscar alternativas que extrapolem os limites dos tradicionais *papers*.

O rigor científico, as exigências formais e os rituais de publicação diminuem consideravelmente as possibilidades de inserção e contribuição no cotidiano das abordagens psicossociológicas. Um bom exemplo é o nosso texto sobre apelidos, que levou seis meses para ser escrito e mais de dois anos para ser publicado (CARVALHO, 2019). O contexto que o justificara já havia mudado bastante, diminuindo consideravelmente suas possibilidades de inserção e colaboração à realidade local.

O rigor deve balizar a publicação científica; trata-se de premissa indiscutível. Mas é necessário ir além do formato tradicional acadêmico. Hoje a internet oferece muitas opções, tanto para quem produz quanto para quem está buscando informações. Há recursos interessantes à disposição, a mineração de dados, por exemplo, que torna possível apurar os assuntos de relevância social em tempo real. É o contexto do que outrora denominamos esfera pública virtual (CARVALHO *et al.*, 2013), que oferece muitas possibilidades àqueles que se interessam pelo estudo dos fenômenos do cotidiano; paralelamente, também podem interessar métodos que privilegiem as pequenas escalas, como é possível observar nas perspectivas oriundas da microssociologia e micro-história de diversos autores, já clássicas (SIMMEL, 2005; GINZBURG, 2007; REVEL, 1998) – tais análises podem enriquecer o olhar sobre o cotidiano da Teoria das Representações Sociais.

O crime do ABC paulista forneceu elementos ou pistas que, em tese, possibilitaram-nos antever um trabalho apurado sobre a representação social do crime hediondo. É factível empreender, portanto, uma problematização inicial sobre esse tipo de crime, tendo por base os conceitos de ancoragem e objetivação. A internet possibilita a criação de um *corpus* delimitado e passível de interpretação, sendo nossa hipótese, portanto, a presunção de que trabalhos nesse estágio possam contribuir para o entendimento de contextos desnordeadores do senso comum, ainda que os resultados tenham aplicação e alcance reduzidos – como foi no caso de nosso trabalho focado na objetivação do apelido em um estudo de caso (CARVALHO, 2019).

Essas microanálises têm uma perspectiva assim roteirizada: estudos preliminares como ponto de partida para mapeamento de processos de representações sociais. Trata-se de uma consequência teórica de reflexões anteriores, em que a representação social em toda sua plenitude só pode ser atingida após análise histórica, quando a consolidação do processo psicossocial é mapeada como um todo (CARVALHO; ARRUDA, 2008).

Porém, intempestivamente, a pandemia paralisou a vontade de continuar na linha proposta, pois não havia nada mais importante do que o contexto dramático criado pelo vírus. Paradoxalmente, tal reviravolta validava sobejamente a premissa inicial de que as reflexões preliminares poderiam contribuir para a compreensão de um fenômeno tão complexo e capaz de sacudir o cotidiano.

Uma devastadora e insidiosa pandemia abalou a economia e mexeu com os alicerces da sociedade, a ponto de acelerar tendências em curso. O vírus, entretanto, não deriva de acaso ou acidente natural, decorrendo antes de transformações que engendram epidemias e catástrofes em larga escala. É notável que aspectos econômicos e sanitários recebam atenções enquanto os psicossociais passem praticamente despercebidos; metaforicamente falando, é como se a vacina para o corpo prescindisse da vacina para a mente.

Diante dos nossos olhos ergue-se um cenário desafiador para o qual não há referencial teórico ou lenitivo científico. A negociação simbólica provoca um redemoinho de fatos no perigoso limite da desestabilização social, opondo grupos e seus diversos interesses e convicções. Nesse contexto a sociedade regurgita velhos preconceitos e fragilidades, como ocorre nos momentos históricos de perigo extremo. Assim, enquanto a pandemia não for inserida ao cotidiano sanitário a controvérsia ainda vai dar o tom das conversas e preocupações. Em termos comparativos, é possível a pergunta: quem fala hoje de *influenza* apesar das mortes que provoca a cada ano?

Não faz muito tempo, recomendava-se ao cientista social o engajamento às consequências de sua teoria, pois: estudar a realidade seria transformar a própria realidade. Historicamente, contudo, as teorias se mostraram insuficientes para dar conta de tantas incertezas e em meio às dificuldades de toda ordem; a reflexão, a teoria e a ciência são mais do que nunca essenciais, como se fossem ingredientes de “vacinas” em nível psicossocial. Assim, prestes a concluir o texto, elaborado em plena efervescência da pandemia, quando sentimos tão de perto os seus efeitos, é preciso enfatizar a contribuição da Psicologia Social

no enfrentamento de crises, não apenas ao tempo que se tornam fatos históricos, como também no aqui e agora.

Referências

BÍBLIA. Bíblia Sagrada *online* - Versão NVI. **Êxodo**. 7 graus, 2021. Disponível em: https://www.bibliaon.com/exodo_20/. Acesso em: 19 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990. Dispõe sobre os crimes hediondos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 1990.

CAMPBELL, Ulisses. Roteiro de um crime familiar. **Revista Época**, São Paulo, 28 fev. 2020a. Brasil. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/roteiro-de-um-crime-familiar-24275635>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAMPBELL, Ulisses. **Suzane**: assassina e manipuladora. São Paulo: Matrix Editora, 2020b.

CAMPBELL, Ulisses. Ulisses Campbell fala sobre seu livro. **Pânico no ar**, Jovem Pan, São Paulo, 3 mar. 2020c. Entrevista concedida a Equipe do Pânico. (Podcast).

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 445-456, set./dez. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300003>.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Uma reflexão psicossociológica sobre a gripe suína. **Revista Atlaspsico**, Curitiba, Paraná., n. 14, p. 26-31, jun. 2009.

CARVALHO, João Gilberto da Silva *et al.* Decifra-me ou te devoro: a representação social no mundo virtual. **Áquila**, Revista Interdisciplinar UVA, Rio de Janeiro, ano IV, n. 8, p. 57-72, 2013.

CARVALHO, João Gilberto da Silva. Qual o seu apelido? Um estudo de caso de objetivação na escola. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 46, p. 325-352, out./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20190110>.

CASOY, Ilana. **O quinto mandamento**. São Paulo: Ediouro, 2006.

DAVOGLIO, Tércia Rita; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Avaliação de Comportamentos Antissociais e Traços Psicopatas em Psicologia Forense. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 1111-118, abr. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2020.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no ocidente (século 13-18). São Paulo: EDUSC, 2003. V. 1 e 2.

DOMINGUES, José Maurício. **Do Ocidente à modernidade**: intelectuais e mudança social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FANTÁSTICO. Depoimentos exclusivos revelam detalhes do assassinato de família no ABC. **G1**, Fantástico, São Paulo, 9 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/02/09/depoimentos-exclusivos-revelam-detalhes-do-assassinato-de-familia-no-abc.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXV. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. 16.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HENRIQUE, Alfredo. Namorada da filha de casal carbonizado é controladora e ciumenta, dizem comerciantes. **Yahoo Notícias**, São Paulo, 1 fev. 2020. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/namorada-da-filha-casal-carbonizado-063500757.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAJuSp6xCGoaKv9mL_a33psmdk_wBDNmY7sKoHjSmiykUBKg-RHOiXYpDt5_IFjs742XwNULbLNPpNrHI6R2dn3GT8DFKppK0K-IRNxxCDQgO-XF2TzGAjo61V4FzSo6SLevxYSgIbmW3ZjSsqo5dXBhNDE-xqdFLbXK7lp1nHd5F2. Acesso em: 10 de mar. 2020.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOFFE, Hélène. “Eu não”, “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LORRAN, Tácio. Caso ABC: filha de casal não demonstrou emoção durante depoimento. **Metrópoles**, São Paulo, 10 fev. 2020. Polícia. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/policia-br/caso-abc-filha-de-casal-nao-demonstrou-emocao-durante-depoimento>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

R7. Três corpos são encontrados carbonizados dentro de carro em São Paulo. **R7**, São Paulo, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/tres-corpos-sao-encontrados-carbonizados-dentro-de-carro-em-sp-28012020>. Acesso em: 18 mar. 2020.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **MANA**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

Recebido em: 25/08/2020.

Aceito em: 30/08/2020.